

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Cláuder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

A educação crítica merece ser pensada com mais atenção

AÉCIO CÂNDIDO

professor da UERN, aposentado.
Autor da obra *Tempos do verbo*

aeiocandidocuite@gmail.com



Steven Pinker, psicólogo cognitivo, professor em Harvard, é autor de um livro essencial para a compreensão de nossa época. O livro chama-se *O novo iluminismo* e tem um subtítulo auto-explicativo: *Em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. O que somos, como indivíduos livres de muitos preconceitos e de muitas superstições, e como sociedade, com instituições que primam pelo funcionamento da vida coletiva, devemos essencialmente a essas três ideias. Elas se fizeram traduzir, nos últimos três séculos, em construções sociais e em artefatos tecnológicos importantes.

Nesse livro, Pinker fala da necessidade de um “aprendizado da racionalidade”, pois a racionalidade não é algo espontâneo no ser humano. Temos grande capacidade de raciocínio, mas nem sempre partimos de bases sólidas (de premissas bem fundadas). Quando isso acontece, até podemos chegar a conclusões brilhantes, considerando-se a ginástica cognitiva, mas decepcionantemente falsas. Nenhum de nós está livre de crenças falsas, porque nenhum de nós está livre de paixões que podem nos emborçar as bases do raciocínio e nos levar a conclusões inexatas. Desse modo, o problema que se coloca com mais vigor é menos como procedermos a um encadeamento de raciocínios lógicos e mais como nos livrarmos de crenças falsas e de raciocínios enganosos, falaciosos. Pinker traduz essa preocupação pela expressão “raciocínio enviesado”. Como evitar o raciocínio enviesado, eis a questão. Pinker não usa o adjetivo “ideológico”, mas, com algum cuida-

do, ele pode ser aproximado. Como sermos críticos e nos mantermos alertas em relação à ideologia? Mirando este alvo, a educação crítica é uma tentativa de prevenção contra o fanatismo e o pensamento ideológico.

Amós Oz, o grande escritor israelense, diz, em *Como curar um fanático*: “Talvez já seja tempo de toda escola, toda universidade, manter pelo menos alguns cursos de fanatismo comparado, porque ele está em toda parte”.

Embora seja consenso que a educação crítica é necessária à convivência social democrática e que se tenha mais ou menos claro qual seria o seu conteúdo, compreende-se que o grande desafio é o método. Como sempre, eu diria. Didática: quase sempre, o problema é ela.

A psicologia cognitiva tem identificado que contrapor um discurso a um outro discurso, mesmo que este seja coroado de afirmações verdadeiras ou justas, e o primeiro, de afirmações falsas, não produz grandes resultados. Daí, a constatação de Pinker de que experiências pedagógicas dirigidas para uma educação crítica não tiveram grande sucesso.

No plano teórico, muita coisa já se sabe. Sabemos quais são os entraves ao conhecimento. Alguns bem graves: a arrogância do crente (crente em um sistema de convicções, sobrenatural ou não), a falta de humildade, a impaciência diante do contraditório, a indisposição para o debate, expresso pelo desprezo à palavra e à comunicação. O fanatismo é a expressão de todos esses comportamentos.

Francis Bacon, em 1620, já se



CHARGE DE MÁRIO

referia a um conjunto de entraves ao pensamento racional que ele genericamente descreveu como “ídolos”. O desejo intenso, os afetos (simpatia e antipatia, por exemplo), o medo de perder a esperança, a adesão fácil às ideias da maioria (o que chamamos hoje de efeito manada) e aos sistemas de pensamento para nós inquestionáveis (aos paradigmas), tudo isto está na lista de entraves levantados por Bacon. Também fazem parte dela os entraves ligados diretamente à personalidade do indivíduo. Sim, há gente com sérios problemas mentais, vítimas de alucinações e descolamento da realidade, com grande capacidade de elaborar e aderir a “teorias da conspiração”. Gente assim, de personalidade autoritária e pouco reflexiva, não suporta o debate. E o debate (a crítica) é a essência do conhecimento seguro.

As pessoas precisam ouvir variações sobre um mesmo tema, precisam ser expostas a visões diferentes sobre uma mesma realidade. A pluralidade de visões torna o mundo mais aberto.

O astrofísico americano Carl Sagan confessa que, na adolescência, acreditou em determinadas verdades porque não sabia que poderia questioná-las. Foi sua mãe, muito tempo depois, quando ele confessou algumas crenças meio forçadas, que lhe disse: “Mas por que você não perguntou?” — “Eu

não sabia que podia”, respondeu ele.

Isso nós hoje sabemos: um jovem precisa saber, desde muito cedo, que na sala de aula, sobre os assuntos que se trata naquele momento, ele pode perguntar tudo. Não existe pergunta imbecil, não existe tese idiota, se o que existe é a vontade de aprender e de aclarar a realidade.

O debate é comunicação, e a comunicação é mediada pela palavra, não podemos esquecer. O italiano Norberto Bobbio, filósofo político, nos deixou, a respeito deste tema, uma lição importante: “Aprendi a respeitar as ideias alheias (...), a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar”. Estes passos, que encerram uma postura de humildade, tolerância e respeito, podem ser aprendidos na escola. E por quê? Porque a irracionalidade e o erro são ameaças permanentes ao entendimento. E eu também estou exposto a elas, não apenas meu interlocutor.

Há poucos anos, um pedreiro amigo me disse que casas baixas são menos quentes. Reagi discordando. No semiárido, é exatamente o contrário: pé-direito alto ajuda a melhorar a temperatura interna. A continuidade da conversa me fez entender que ele se referia às paredes internas das casas, que antigamente não subiam até o teto, eram “meias-paredes”. O ami-

go pedreiro estava correto: sem obstruções internas, o vento circulava livre no interior da casa, chegando a todos os cômodos. É preciso estar disposto a enfrentar as dificuldades da comunicação.

Mas também em relação ao método para a construção de uma consciência crítica, para o “aprendizado da racionalidade”, do “raciocínio não enviesado”, alguma coisa já se sabe. Sabe-se, por exemplo, que a consciência crítica forma-se a partir de uma abordagem prático-analítica. Se o discurso declarativo não surte grande efeito, é porque a aprendizagem ativa não comporta um interlocutor passivo: o estudante deve atuar ativamente sobre o conhecimento, articulando análises, debatendo, realizando pesquisas de diferentes extensões, alinhando dados e interpretando-os. Enfim, resolvendo problemas.

A observação é uma componente potente desse aprendizado ativo. Aprender a enxergar com rigor é um passo fundamental: as coisas estão no mundo, precisando ser vistas. Os fatos são premissas que desencadeiam uma cascata de raciocínios. Fatos falsos ou mal observados não podem dar origem a conclusões verdadeiras.

Uma proposta dessa natureza é desafiadora, mas ela é necessária, desde as séries iniciais do ensino fundamental.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685